

## **PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA: TENSÕES ENTRE PROPÓSITOS DIDÁTICOS E COMUNICATIVOS.**

ROSELI MARIA ROSA DE ALMEIDA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL).

### **Resumo**

A presente comunicação tem como objetivo apresentar parte dos resultados de uma pesquisa concluída, desenvolvida em uma escola pública no Município de Ribas do Rio Pardo, no Estado de Mato Grosso do Sul, no período de 2007 a 2009. A pesquisa investigou algumas práticas de leitura na escola e suas expressões na cultura escolar. Como objetivos específicos o trabalho investigou as contradições engendradas a partir da escolarização de algumas práticas de leitura e a relação entre os propósitos didáticos e comunicativos. Os instrumentos para a coleta de dados foram entrevistas semi-estruturadas, com 18 alunos do sexto ano do Ensino Fundamental, quatro professoras da disciplina Língua Portuguesa e a funcionária responsável pela biblioteca escolar; 12 (doze) observações na biblioteca escolar e 12 (doze) observações em sala de aula, nas turmas de sexto ano; uma planta da biblioteca (com a organização interna do espaço), bem como um levantamento dos livros que se encontravam no armário da sala dos professores e dos livros emprestados pelos alunos dos sextos anos. O estudo buscou elementos norteadores na história da leitura, bem como da cultura escolar e foi possível perceber que as práticas e o valor atribuído às mesmas foram se alterando ao longo da história. A interface dos dados e os estudos da leitura e da cultura escolar evidenciaram a escola, especialmente a sala de aula, como um espaço construído por uma prática de leitura predominantemente realizada em voz alta. Palavras-chave: Práticas de leitura, escolarização, cultura escolar.

### **Palavras-chave:**

Práticas de leitura, Escolarização, Cultura escolar.

O presente texto tem por objetivo apresentar parte de uma pesquisa concluída, desenvolvida no período de 2007/2009, em uma escola pública no município de Ribas do Rio Pardo, no Estado de Mato Grosso do Sul. O objetivo da pesquisa foi investigar como algumas práticas de leitura se desenvolvem na escola, considerando que observamos, em nossos estudos, que elas sofrem determinações de uma cultura própria (FOURQUIN, 1993), chamada por vários autores de cultura escolar. Os focos centrais da pesquisa foram as contradições engendradas a partir da escolarização de algumas práticas de leitura e a relação entre propósitos didáticos e comunicativos.

Apresentaremos especialmente os aspectos tratados no 3º capítulo da pesquisa, que se refere à discussão sobre as tensões encontradas na escola entre os propósitos das práticas de leitura em sua função social e os propósitos didáticos, ou seja, aqueles que envolvem sua função ensinante. Nossas reflexões fundamentaram-se na perspectiva dos estudos críticos do currículo (APLLE, 1982; BERSTEIN, 1990), que compreende o currículo como uma instância de conflitos e acordos, decorrentes das dificuldades inerentes à própria função social e escolarizada dos conhecimentos com os quais a escola trabalha.

Tomamos como base os estudos da história da leitura, especialmente do pesquisador Roger Chartier, para considerar que as práticas de leitura foram se alterando historicamente e nem sempre estiveram vinculadas à escola. Essas mutações da leitura, ou revoluções, como chama o pesquisador, ocorreram nos

suportes de leitura, nas modalidades (silenciosa e em voz alta) e nas práticas (leitura intensiva e extensiva). Isso não significa dizer que houve uma superação de algumas práticas de leitura sobre as outras; em diferentes tempos, diversas práticas coexistiram.

---

\* Mestra em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. A pesquisa foi desenvolvida no período de 2007/2009, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Lúcia Espíndola - Professora Adjunta do DED/UFMS.

Focaremos, em nossa análise desta parte do trabalho, nos aspectos que compreendem especialmente as modalidades de leitura, ou seja, como a escola trabalha com essa questão e quais os conflitos por que passa ao selecionar e implementar o currículo.

### **Caminho metodológico**

Utilizamos como metodologia o estudo de caso de observação (BOGDAN E BIKLEN, 1994) e como instrumentos para a coleta de dados, entrevistas semiestruturadas com 18 alunos do sexto ano do Ensino Fundamental, quatro professoras da disciplina Língua Portuguesa e com a funcionária responsável pela biblioteca escolar. Foram realizadas, ainda, 12 observações na biblioteca escolar e 12 observações em sala de aula (nas aulas de Língua Portuguesa e salas dos sextos anos). Utilizamos também uma planta da biblioteca da escola, um levantamento dos livros que se encontravam no armário da sala de professores e um levantamento dos livros emprestados pelos alunos dos sextos anos.

Neste texto desenvolveremos nossa análise acerca das entrevistas semiestruturadas com as quatro professoras da disciplina Língua Portuguesa e das observações em sala de aula, realizadas nas turmas de sexto ano do Ensino Fundamental. A escola contava com três turmas de sexto ano no período matutino e três no vespertino quando a coleta de dados foi realizada, no ano de 2008, nos meses de maio a julho.

As observações foram realizadas nos períodos matutino e vespertino (seis em cada horário), foram registradas em cadernos e posteriormente digitadas; as entrevistas semiestruturadas com as professoras foram gravadas e posteriormente transcritas. Optamos por entrevistas semiestruturadas (LUDKE & ANDRÉ, 1986) por nos possibilitarem organizar e mapear algumas práticas e materiais produzidos na/pela cultura escolar. As observações foram denominadas "momentos de trabalho com a leitura", tendo em vista que os dados indicaram que a leitura não é vista como uma prática na escola. Marcadas antecipadamente, as observações revelaram que há momentos específicos identificados para a leitura na escola. É relevante considerar, como nos lembram Ludke e André (1986: 25), que "... a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador".

### **O Município de Ribas do Rio Pardo e a escola Pena de Ganso**

O Município de Ribas do Rio Pardo<sup>1</sup> está localizado no Estado de Mato Grosso do Sul e teve sua emancipação administrativa em 19 de março de 1944. Possui uma área territorial de 17.308,72 km<sup>2</sup> e uma população de 19.159 mil habitantes, de acordo

com o censo de 2006. As principais atividades econômicas são a pecuária e a agricultura. Localiza-se na microrregião de Três Lagoas - MS e tem como municípios limítrofes: Camapuã, Nova Andradina, Água Clara, Santa Rita do Pardo, Campo Grande, Jaraguari e Bandeirantes.

Possui indústrias no ramo de processamento de madeira, reflorestamento de pinus e eucalipto, siderurgia, produção de mudas e extração de resina. O clima do Município é tropical úmido. É chamado de "capital do gado", pois possui um rebanho numeroso e que garante a exportação de carne para diversos países.

Os principais meios de acesso ao Município são a rodovia (BR 262) e a ferrovia. As distâncias regionais são: 92 km da Capital do Estado de MS e 400 km de Corumbá. Destacamos algumas distâncias nacionais: 900 km de São Paulo, 1.500 km do Rio de Janeiro e 800 km de Cuiabá.

O município de Ribas do Rio Pardo possui uma biblioteca pública, porém não dispõe de salas de cinema nem teatro. Conta com três papelarias (duas têm a denominação de livrarias e papelarias, mas se restringem à comercialização de poucos exemplares de livros infantis), cinco *lan houses* e uma banca de revistas. Destaca-se a situação encontrada em grande parte dos municípios brasileiros, como chama a atenção Soares (2004):

Este é um país de raras e precárias bibliotecas: raras e precárias **bibliotecas públicas**, raras e precárias **bibliotecas escolares**. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, dos 5.506 municípios que havia no país em 1999, em quase um quarto (20%) não havia uma só biblioteca pública; em mais de dois terços de municípios (68,5%) havia apenas uma biblioteca pública; em um número insignificante havia mais de uma biblioteca pública (11%). Grifos da autora (p. 21).

---

1- Os dados sobre o Município de Ribas do Rio Pardo-MS podem ser encontrados nos sites do IBGE (<http://www.ibge.gov.br/cidades>) e algumas informações e fotos dos prédios históricos da cidade podem ser acessados no site <http://www.camararibasdoriopardo.com.br/> e <http://guiadecidades.net/ribasdoriopardoms>.

Como a cidade está localizada a mais ou menos 92 km da capital, algumas pessoas compram livros e outros materiais em Campo Grande e também por *sites* na internet. Há acesso à internet via rádio e algumas no sistema *ADSL* em *lan houses*, em alguns órgãos públicos, em residências e no comércio. As escolas estaduais e municipais possuíam internet via rádio.

Ribas do Rio Pardo tem nove escolas públicas e uma particular. Uma das escolas públicas está localizada na zona rural, com 22 extensões<sup>2</sup>; oito encontram-se na zona urbana (duas estaduais e seis municipais). O número de alunos, de acordo com os dados informados no Censo Educacional de 2008, totalizava 5.447, sendo que 1.588 frequentavam do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

A escola Pena de Ganso está situada na área urbana e contava, em 2008, com 461 alunos, distribuídos em dois turnos, sendo que 172 eram dos 6<sup>os</sup> anos. Era composta de dois blocos, onde estavam distribuídas dez salas de aula, uma

secretaria, uma sala de direção, uma sala de Coordenação Pedagógica, sala de professores, quatro banheiros masculinos e quatro femininos (de uso dos alunos) e um laboratório de informática e biblioteca escolar (que funcionavam juntos na mesma sala). Possuía também uma quadra coberta.

A escola atendia apenas alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e funcionava há doze anos. Selecionamos essa escola para a pesquisa, uma vez que, em anos anteriores, havia realizado projetos de leitura, tais como feiras de livros. Além disso, a escola contava com uma biblioteca com um acervo de livros que podiam ser emprestados aos alunos, professores e demais funcionários. Para resguardar a identidade dos participantes da pesquisa, intitulamos a escola pesquisada como "Pena de Ganso", belíssima obra da escritora Nilma Lacerda.

### **Leitura silenciosa e em voz alta: conflitos evidenciados nas entrevistas com as professoras**

Inicialmente, é necessário destacar que as modalidades de leitura em voz alta e silenciosa estiveram presentes na história da humanidade. Consideramos, como nos lembra

---

2- Extensões são salas de aula localizadas na área rural que pertencem a uma escola Polo, com secretaria (neste caso) na área urbana.

Abreu (2001), que a leitura não é uma prática neutra, mas encontra-se circunscrita nas relações sociais. Cavallo & Chartier (1998) ressaltam que:

A primeira "revolução da leitura" da Idade Moderna é, pois, muito independente da revolução técnica, que modifica, no século XV, a produção do livro. Ela se enraíza sem dúvida, mais profundamente, na mutação que transforma, nos séculos XII e XIII, a própria função do escrito, quando ao modelo monástico de leitura que confere ao escrito uma tarefa de conservação sucede o modelo escolástico da escrita que faz do livro ao mesmo tempo o objeto e o instrumento do trabalho intelectual (p. 27)

Para os autores, a penetração nos meios escolares da possibilidade de se ler em silêncio marca o que chamam de ruptura, pois a "a leitura silenciosa, de fato, instaura uma relação com o escrito que pode ser mais livre, mais secreta, totalmente interior (p. 28)". Para Saenger (1998: 147): "A introdução de espaços claramente perceptíveis entre cada palavra da frase, inclusive entre as preposições monossilábicas, teve como primeira consequência diminuir a necessidade de se ler em voz alta para compreender o texto". Além disso, a possibilidade de ler silenciosamente marcaria conflitos e proibições, pois "... a pulsão de destruição obcecou por muito tempo os poderes opressores que, destruindo os livros e, com frequência, seus autores, pensavam erradicar para sempre suas idéias (CHARTIER, 1999: 23)".

Entendemos necessário fazer essas considerações iniciais sobre leitura em voz alta e silenciosa para iniciarmos nossas discussões sobre essas modalidades de leitura na escola. É importante considerar que, para Chartier & Hebrard (1995), foi no século XIX na Europa que a leitura passou a buscar na escola um discurso

conciliador entre diversos segmentos: igrejas, bibliotecários, etc, pois a escola deveria promover a leitura por prazer, sem abandonar a leitura informativa, fonte de sua função.

Com a transformação do papel da escola na sociedade, também o valor atribuído à leitura passou por mudanças. O aumento da alfabetização nas regiões mais avançadas da Europa, no século XIX, foi definindo uma forma controlada e única de leitura tida como legítima. Entretanto, apesar dessa questão ser incorporada ao processo de escolarização, fora da escola existiam variadas práticas de leitura (CHARTIER, 1991).

Poderíamos dizer que a função da leitura se alterou substancialmente quando passou a ocupar papel importante na disseminação de uma alfabetização generalizada. Hébrard (1990) explica que essa mudança se deu no momento em que a igreja considerou necessário "ligar a formação religiosa das crianças e dos rudes não mais à pregação e aos rituais do ano litúrgico, mas a uma alfabetização mais ou menos generalizada" (p. 69).

A escola foi a responsável por "promover" a leitura, para que no século XX ler se tornasse algo bom, incondicionalmente. Foi a escola que evidenciou com clareza esse modelo contemporâneo do ler, uma vez que não poderia abandonar a leitura de formação, nem recusar a leitura de informação. Essas novas possibilidades de ligação entre leitura e escola foram, gradativamente, tornando a instituição a responsável pela formação leitora. É importante ressaltar que o que se tornou unanimidade ao final do século XIX foi que "é preciso ler". Porém, as discussões sobre o que, quando e por que ler tomaram dimensões diferenciadas, de acordo com os interesses de cada grupo.

Foi com base nessas observações que selecionamos *a escola* como foco de nossa pesquisa sobre práticas de leitura. Como afirma Lerner (2002), os propósitos da leitura dentro da escola não são naturais. Muitas vezes os propósitos da leitura fora da escola são até excluídos do âmbito escolar. Exemplificando: lemos por diversos motivos: por diversão, emoção, para pensar sob uma nova perspectiva, para buscar uma informação que nos interessa no momento. No entanto, na escola, muitas vezes, preocupada em garantir os propósitos didáticos, subestimam-se os propósitos comunicativos.

Analisando as entrevistas com as professoras de Língua Portuguesa, observamos evidências de uma cultura escolar que reveste a leitura em voz alta de valor preponderante sobre a modalidade de leitura silenciosa, especialmente no espaço da sala de aula. As entrevistas semiestruturadas com as professoras versavam sobre os suportes de leitura utilizados pelos professores, a socialização dos materiais de leitura com os alunos, as propostas de leitura silenciosa e em voz alta e os objetivos propostos a partir das situações de leitura.

Observamos, nas falas, a necessidade de controle da leitura realizada pelo aluno: "O que eu quero atingir é que eles consigam ler mais alto" (P1)<sup>3</sup>, "agora tem uns que você pede para ler silenciosamente e depois oral e eles não conseguem (P3), leem baixinho, com medo de errar (P4)". Questões como "como saber se o aluno está lendo bem?" "o que é esse ler bem?" parecem estar implícitas nas falas das professoras, como podemos observar quando relatam: "que eles consigam ler mais alto" (P1), "respeitando a pontuação" (P2),

---

3- Utilizamos P1 para professora 1, P2 para professora 2 e assim sucessivamente.

"eles não sabem o que é ponto, o que é vírgula, nada, eles vão comendo, atropelando tudo (P3)". A preocupação com a leitura em voz alta é constantemente marcada nas falas das professoras.

Há uma contradição presente quando se atribui à leitura em voz alta a idéia de compreensão do texto. Nas falas, a expressão da relação leitura em voz alta/compreensão: "Eles não conseguem ler e eles não conseguem interpretar o que está pedindo (P3)". Como nos lembra Nóbrega (2005: 2), há de se considerar que "compreender textos envolve dimensões culturais, sociais, subjetivas... Um mesmo texto pode ser compreendido de maneiras diferentes em diferentes momentos da vida de um mesmo leitor". Na pesquisa, observamos que uma das professoras (P4) relata a atividade permanente de leitura de notícias de jornal para comentar em sala de aula, expressão de uma prática de leitores de jornal, o que aproxima a escola das práticas sociais de leitura.

Concluimos que, a partir das entrevistas semiestruturadas, foi possível observar que os objetivos relatados pelas professoras nos trabalhos relativos às práticas de leitura estavam, em sua maioria, voltados para ler para escrever: "desenvolver a ortografia deles na escrita e a habilidade da leitura" e para ler em voz alta: "que os alunos percam essa timidez (P1)", "respeitem a pontuação (P2)". Há um privilégio da leitura em voz alta, pois a leitura silenciosa, realizada primeiro, depois deve ser escutada pelo professor.

Como sabemos, não há um único propósito nas práticas de leitura. Lemos por diferentes motivos e de diferentes formas, e a escola, ao escolarizar a leitura, também apresenta diferentes formas de reconstruí-las neste tempo/espço. Há de se considerar, como declara Soares (2001), que não há como não escolarizar saberes na escola. No entanto, percebemos conflitos decorrentes dessa escolarização, ou o que a autora chama de inadequada escolarização.

A distribuição dos conhecimentos passa por um filtro de legitimação: o que é mais importante em relação à leitura para ser "ensinado" na escola? Bourdieu (APUD APLLE, 1982) sinaliza que o controle no currículo se dá através de um processo de legitimação de alguns conhecimentos em detrimento de outros. Nesta pesquisa, o controle está associado à legitimação de alguns conhecimentos, como podemos observar na questão da leitura em voz alta, que predomina no espaço da sala de aula, em detrimento da leitura silenciosa.

### **O currículo em ação: as práticas de leitura evidenciadas nas observações em sala de aula**

As observações em sala de aula foram realizadas nos sextos anos do Ensino Fundamental, na disciplina de Língua Portuguesa, 12 no total. Foram feitas no ano de 2008, no período de maio a julho. As aulas foram registradas em cadernos e transcritas, sendo que seis observações foram realizadas no período matutino e seis no período vespertino. As turmas dos sextos anos eram compostas em média de 25 a 30 alunos no período matutino e de 18 a 25 alunos no período vespertino. A escola recebia, em sua maioria, alunos pertencentes às camadas populares; uma parte dos alunos do período matutino residia em fazendas da região.

Identificamos as observações como "momentos de trabalho com a leitura", conforme as falas iniciais das professoras: "ainda não estou trabalhando a leitura (P3)", "vou realizar um trabalho de leitura e você pode vir neste dia (P1)". O uso da expressão "momentos de trabalho com a leitura" já nos deu indicativos de que a

leitura nem sempre é vista como prática, mas como um conhecimento a ser ensinado, assim como da importância que a escola dá à modalidade de leitura em voz alta em detrimento da leitura silenciosa.

Conforme as observações, as práticas encontradas foram: a) leitura de poemas, em voz alta, para a classe; b) leitura de contos, silenciosamente ou em voz alta, fora da escola e comentário ou leitura do resumo, em voz alta, para a classe; c) leitura de palavras recortadas de revistas, silenciosamente, na classe; d) leitura de poema de cordel, em voz alta, na classe; e) leitura de poemas e cópia, silenciosamente, na classe; f) leitura de textos do livro didático, de diversos gêneros, em voz alta, para a classe; g) escrita e leitura de um resumo de filme; h) leitura em voz alta para a classe e discussão sobre um poema.

É importante destacar o quão a cultura escolar é dinâmica, singular. As observações revelaram-nos que: a) há tensões entre a forma de escolarização das práticas de leitura e a leitura como prática social, no tocante especialmente à leitura em voz alta, que cumprem, na maioria das situações observadas, uma função avaliativa; b) a modalidade de leitura em voz alta enfrenta resistências por parte de alguns alunos, que demonstram "medo de errar"; c) a leitura em voz alta não é vista como uma prática cultural, pois lemos em voz alta por diferentes motivos: para compartilhar um texto com alguém que ainda não lê, compartilhar textos em igrejas, reuniões, etc. No entanto, na escola, a leitura em voz alta remete-nos a habitus (BOURDIEU, 1998) de controle e avaliação; d) há preocupação de alguns professores em diminuir esse medo dos alunos; d) há um desconhecimento por parte da escola dos objetos de leitura produzidos pelos alunos (um exemplo são os "cadernos de perguntas", lidos pelos alunos na sala). Para Abreu (2001, p. 154): "Uma concepção elitista de cultura torna invisíveis as práticas de leitura comuns". Para a autora, é de se destacar que "a delimitação explícita de um certo conjunto de textos e de determinados modos de ler como válidos, e o desprezo aos demais, estão na base dos discursos que proclamam a inexistência ou a precariedade da leitura no Brasil (p. 154)". Observamos ainda que: d) a escola constrói mecanismos de controle e avaliação, sendo que um exemplo disso são os resumos de contos produzidos pelos alunos para serem lidos na sala; e) alguns alunos "cobram" do professor o visto de cumprimento da tarefa dada; f) a leitura não é considerada uma prática (um aluno assim se expressou no início de uma das aulas: "vim aqui pra estudar e vou ler?"); a leitura para escrita de outros textos encontra problemas nas questões que envolvem a revisão, uma vez que os alunos escrevem o texto e já "entregam para avaliação", sendo que não constroem gradativamente mecanismos de análise dos próprios textos; g) há organização de atividades permanentes de leitura, como na questão da leitura de notícias para comentar em classe, que uma professora (P4) desenvolve semanalmente com os alunos, o que garante que os alunos se apropriem dessa prática gradativamente.

### **Considerações finais**

Concluindo, o estudo pôs em evidência a necessidade de uma mediação didática na questão da leitura, de forma a garantir novas possibilidades do trabalho com a leitura na escola, ressaltando-se, entre outras questões: a retomada do papel das bibliotecas escolares, de forma que possibilitem aos alunos escolher, indicar, compartilhar leituras e especialmente conhecer os acervos disponíveis. Indicou-nos, ainda, a necessidade de a escola retomar o sentido da prática de leitura em voz alta como prática social e não apenas avaliativa. Essa retomada pode ser realizada de forma a garantir projetos, rodas de conversa sobre livros lidos, feiras de livros

abertas à comunidade, entre outras. Pensamos que, somente a partir de uma retomada da leitura como prática cultural, poderemos de fato, formar leitores para o século XXI.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia (Org.). Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, Marildes (org.). **Ler e navegar: espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado das Letras/ALB, 2001. p. 139-157.

APPLE, Michael W. **Ideologia e Currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BERNSTEIN, Basil. **A estruturação do discurso pedagógico: classes, códigos e controle**. Petrópolis: Vozes, 1996.

BOGDAN; BIKLEN. **Investigação qualitativa em educação. Portugal: Porto Editora, 1994.**

BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de habitus e campo. In: **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil [s.n.].1998. p. 59-74.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, Anne Marie; HEBRARD, Jean. **Discursos sobre a leitura 1880-1980**. São Paulo: Ática, 1995.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: ARIÉS, Philippe & CHARTIER, Roger (Org.). **História da vida privada 3- Da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia da Letras, 1991.

\_\_\_\_\_. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Práticas da leitura**. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

FOURQUIN, Jean Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1993.

HÉBRARD, Jean. A escolarização dos saberes elementares na época moderna. **Teoria e Educação**, Porto Alegre: RS, n. 2, p. 65-110, 1990.

LACERDA, Nilma Gonçalves. **Pena de Ganso**, São Paulo: DCL, 2005.

LERNER, Delia, ROSA, Ernani (trad.). **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NÓBREGA, Maria José. **Compreensão leitora**. 2005. 03 p. Disponível em: Acesso em: 28 jul. 2008.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy; BRANDÃO, Heliana; MACHADO, Maria Z. Versiane. (Org.). **A escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 17-48.

\_\_\_\_\_. Leitura e democracia cultural. In: PAIVA. et al. (Org.). **Democratizando a leitura**: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 17-32.

SAENGER, Paul. A leitura nos séculos finais da Idade Média. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.